

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

“Contra o Crime – Não acredite na propaganda”

7º Episódio: Eles querem matar-nos a todos

Autor: Chrispin Mwakideu

Editores: Yann Durand, Karina Gomes, Charlotte Collins

Tradução: Raquel Loureiro

Revisão: Marta Barroso

LISTA DE PERSONAGENS

- **Narrador**

Cena 1:

- Tiago (Tubu, 23, homem/male)
- Sargento Rogério (Sgt.Kofi, 25, homem/male)
- Dra. Alda (Dr.Aseya, 35, mulher/female)

Cena 2:

- Mário (Mchupa, 29, homem/male)
- Diana (Dada, 20, mulher/female)
- Lis (Liz, 24, mulher/female)

Cena 3:

- Tiago (Tubu, 23, homem/male)

- Diana (Dada, 20, mulher/female)
- Dra. Alda (Dr. Aseyá, 35, mulher/female)

INTRO:

Olá! Bem-vindos ao décimo nono episódio do audiolivro “Contra o Crime – Não acredite na propaganda” escrito por Chrispin Mwakideu. No episódio anterior, o Sargento Rogério realizou uma rusga à fábrica de processamento de milho de Kalanda e foi obrigado a disparar, quando Zé tentou fugir. Neste episódio, vamos até ao hospital privado, onde se encontram já todos os órgãos de comunicação da cidade a acompanhar os desenvolvimentos, um dia após o tiroteio na fábrica de milho.

CENA 1:

ATMO: EXTERIOR, TRÁFEGO, VOZES

(ATMO: OUTSIDE, TRAFFIC, VOICES)

SFX: FLASHES DE CAMÂRAS

(SFX: CAMERA FLASHES)

A multidão de jornalistas estava ao pé das escadas exteriores do hospital. Era final da tarde e o sol começava a pôr-se. O sargento Rogério saiu do hospital exibindo a sua farda bem engomada e com as duas estrelas no ombro. Uma senhora mais baixa, de óculos, seguia-o.

Pararam à beira dos degraus, que serviram de palco improvisado. As câmaras começaram a gravar.

"Senhoras e senhores jornalistas...", começou por dizer o sargento. A sua voz era bem mais amigável do que a sua aparência. "Eu sou o Sargento Rogério e liderei a recente rusga policial à fábrica de processamento de milho. Esta é a Dra. Alda." O sargento levantou a voz para responder às perguntas que a multidão de jornalistas tinha começado a fazer.

"O Sr. Bruno está vivo?", perguntou Tiago, que se encontrava mesmo à frente.

Por favor, deixem-me terminar a minha declaração. Todas as vossas perguntas serão respondidas no devido tempo", disse o sargento. Rogério explicou que, aproximadamente às 9:30 da manhã, a polícia entrou na fábrica de processamento de milho de Kalanda com o objetivo de prender os fornecedores de milho infestado de aflatoxinas que se acreditava que fosse a causa da doença misteriosa que vinha a assolar Kalanda. Tinham conseguido deter uma pessoa, de nome Zé por este ter tentado escapar, mas só depois de o alvejarem na perna. O chefe, o Sr. Bruno, tinha conseguido fugir e encontrava-se ainda a monte.

"E o milho contaminado? O que vai acontecer?", perguntou Tiago.

"As aflatoxinas são extremamente perigosas para a saúde humana, como todos vimos", respondeu o sargento. "Por conseguinte, fechámos a fábrica de Kalanda. Nenhum milho poderá entrar ou sair das instalações. Vou agora dar a palavra à Dra. Alda para responder a quaisquer questões médicas." Rogério fez sinal à Dra. Alda e afastou-se.

Tiago disparou logo a sua pergunta, antes que os outros jornalistas conseguissem respirar. "Dra. Alda, qual é o estado de saúde do suspeito que foi trazido para este hospital?"

"É verdade que estamos a tratar um doente chamado Zé", respondeu a Dra. Alda, esforçando-se para ser ouvida no meio da multidão. "Ele foi baleado numa perna, mas nós conseguimos estabilizá-lo e o seu estado já não é crítico."

Outro jornalista perguntou que conselho daria a médica às pessoas de Kalanda relativamente ao consumo de milho.

"Em linha com o conselho do Ministério da Saúde, recomendo que a população deite fora todo o milho que tenha nos armários e deixe de comer farinha de milho até que as nossas investigações estejam concluídas. Esta é uma medida de precaução importante", respondeu.

Tiago tinha mais perguntas. Queria saber o que a polícia estava a fazer para garantir a segurança da pessoa que denunciou a história.

"Obviamente, essa pessoa arriscou muito ao tornar pública esta história", disse o Sargento. "Mas a pessoa em causa ainda não apresentou queixa oficial. Se está a ser ou foi ameaçada, ou acredita que possa estar em perigo, essa pessoa deve comunicar-nos isso imediatamente e nós agiremos."

INTERLÚDIO MUSICAL

MUSICAL INTERLUDE

####BREAK####

INTRO:

Olá! Bem-vindos ao vigésimo episódio do audiolivro "Contra o Crime – Não acredite na propaganda" escrito por Chrispin Mwakideu. No episódio anterior, o Sargento Rogério e a Dra. Alda responderam às perguntas da imprensa no Hospital Privado de Kalanda, onde está Zé nos cuidados intensivos, depois de ter sido alvejado numa perna quando tentava fugir da polícia. O funcionário da fábrica de processamento de milho é suspeito de cumplicidade no envenenamento da população de Kalanda. Entretanto, para ajudar a controlar o surto, que afeta cada vez mais pessoas, é anunciada ajuda internacional, algo que não agrada a todos...

CENA 2:

**ATMO: NO EXTERIOR, CAFETARIA NUM BAIRRO DE LATA
MOVIMENTADO, MÚSICA, VOZES**

**(ATMO: OUTSIDE, OPEN CAFETERIA IN A BUSY SLUM, MUSIC,
VOICES)**

SFX: TALHERES, UTENSÍLIOS DE COZINHA

(SFX: CUTLERY, KITCHEN UTENSILS)

Diana apressou-se a dar conta de todos os pedidos da sua pequena cafetaria. Estava cheia de clientes e a cada minuto chegava mais um. Começava a sentir-se sobrecarregada de trabalho, precisava de contratar mais pessoal.

Diana tinha aberto o seu próprio café no ano anterior, quase por acidente. Estava à procura de algo que pudesse fazer em part-time enquanto estudava, algo que lhe trouxesse um rendimento extra. Tinha comprado um grelhador a carvão e uma frigideira e começou por vender batatas fritas na rua. Os clientes começaram a chegar lentamente, mas, em pouco tempo, já tinha longas filas à espera de serem servidas. Algumas pessoas começaram a pedir outro tipo de comida, algo para acompanhar com as batatas fritas, e Diana percebeu que tinha de expandir o negócio. Comprou algumas mesas e cadeiras que lhe

custaram quase tudo o que tinha. Nunca pensou que aquela pequena banca ao ar livre um dia se tornasse no café que tem agora.

Uma voz furiosa interrompeu-lhe o pensamento. "Então Diana, o que se passa contigo hoje? Estou à espera da comida há séculos!" Era Mário, o vendedor de milho, que, como sempre, se estava a queixar.

"Está a caminho, Mário. Tem paciência. Nós preparamos tudo fresco para os nossos clientes", disse ela com um ar simpático, embora não fosse, de todo, o que estava a sentir.

"Ah sim, claro. Aflatoxinas recém-cozinhadas para que eu coma e morra!", disse Mário sarcasticamente, provocando uma risada nos outros clientes que também estavam à espera.

"Ah, não te preocupes, Mário, provavelmente morrerás de solidão, não por teres ingerido comida com fungos!", respondeu Diana, o que provocou uma gargalhada ainda maior entre os que os ouviam atentamente.

Ainda a fumar, Mário voltou a dizer-lhe para que se apressasse com a sua comida ou podia ficar com ela. Ignorando as suas birras, Diana ligou o rádio. Era uma da tarde: hora das notícias.

SFX: MÚSICA PARA

(SFX: MUSIC IN ATMO STOPS)

"... Ainda sobre o surto de aflatoxicose em Kalanda... acabámos de saber que alguns doadores estão a planear contribuir com equipamento médico e medicamentos para ajudar a tratar a doença...", Lisa Ademba estava a dar conta das notícias. Diana e Lisa tinham andado juntas na escola e Diana gostava de a ouvir.

"Eles querem matar-nos! Ouviram isto? Eles querem matar-nos! Se vocês tomarem esses medicamentos doados, não sabem o que estão a fazer. Essas pessoas estão a tentar matar-nos e tornar as nossas mulheres estéreis!", gritou Mário.

Diana suspirou. Começava a ficar exasperada com a maneira de pensar deste homem. "Vá lá, Mário, aqui, o tolo és tu!", disse ela. "Só estás a inventar coisas, completamente infundadas. Todos nós ouvimos a notícia. Ninguém disse nada sobre matar pessoas. Já não é a primeira vez que recebemos medicamentos de doadores. E não mataram pessoas, muito pelo contrário! Salvaram vidas!" Diana falava da copa da cozinha, onde estava ocupada a distribuir a comida pelos pratos.

"Ha, ya, certo. Diz a pessoa que trabalha como empregada de mesa...", respondeu Mário de mau humor.

"Não, não, não. Diz a pessoa proprietária deste restaurante!", retorquiu Diana chateada.

Mário ficou visivelmente chocado. Parecia tão jovem para ser dona de uma cafetaria de sucesso. Sempre foi ele que forneceu milho ao café, mas nunca lhe tinha passado pela cabeça que Diana fosse realmente a proprietária.

Diana viu uma rapariga no canto da cafetaria a segurar no telefone.

Estava a filmar. "Ei, tu!", gritou Diana. "Para de filmar! Eu não te dei permissão para isso!"

INTERLÚDIO MUSICAL

MUSICAL INTERLUDE

####BREAK####

INTRO:

Olá! Bem-vindos ao vigésimo primeiro episódio do audiolivro “Contra o Crime – Não acredite na propaganda” escrito por Chrispin Mwakideu. No episódio anterior, no café de Diana, assistimos à reação de Mário ao anúncio de que doadores internacionais iriam enviar medicamentos para Kalanda para ajudar a conter o surto provocado pelas aflatoxinas. Mário, que tem estado à frente dos protestos contra o hospital privado da cidade, não confia na medicação. Uma conversa que acabou por ser

filmada por uma desconhecida. Horas mais tarde, já na redação da Rádio Kalanda, Tiago vê o vídeo nas redes sociais...

CENA 3:

ATMO: ESTÚDIO, RUÍDO MUITO BAIXO

(ATMO: SOUNDPROOF STUDIO, LIGHT HUMMING VERY LOW)

Diana nunca tinha estado num estúdio de rádio antes. Não sabia quão intimidante podia ser. O seu coração estava a bater como nunca, mas ela não era o tipo de pessoa de mostrar medo. Estava a tentar controlar a respiração. Hoje era ela a convidada do programa de Tiago "Os Factos Importam".

Tiago tinha acabado de lhe perguntar se ela tinha encenado a discussão com Mário e combinado que esta fosse filmada para que se tornasse viral. O vídeo já tinha sido visto e partilhado por milhares de pessoas.

"Não, e por acaso, quando me apercebi que uma rapariga me estava a filmar, disse-lhe que queria que apagasse o vídeo. No entanto, quando ela mais tarde me explicou que achava que o vídeo poderia ajudar outras pessoas, eu disse "ok, porque não?", respondeu Diana, sem demonstrar o nervosismo que sentia.

"Apresentou ao seu cliente argumentos muitos sólidos enquanto discutiam. Mas ele parecia muito convencido da sua própria teoria da

conspiração de que a doação de medicamentos mataria a população.

Porque é que decidiu enfrentá-lo?"

Diana não hesitou. Podia vir de um bairro pobre, mas tinha frequentado a faculdade e sabia apresentar os seus argumentos. Respirou fundo e olhou Tiago nos olhos.

"Porque ele não tem provas de nada do que disse! Estava apenas a espalhar mentiras e a deixar as pessoas ainda mais receosas. Eu vivo numa das zonas mais pobres de Kalanda e sei como as pessoas lutam para conseguir pagar as contas. Muitas pessoas ficaram doentes. Qualquer ajuda é muito bem-vinda. Espalhar mentiras só piora a situação!", argumentou.

Do outro lado do vidro, Vitória, a produtora, indicou a Tiago que havia alguém ao telefone à espera. Tiago tinha-lhe pedido que telefonasse à Dra. Alda para um comentário. Era ela que estava agora no ar.

"Ao telefone temos a Dra. Alda do Hospital Privado de Kalanda...", disse ele. "Obrigado por aceitar falar connosco, Dra. Alda. Qual é a sua opinião sobre o rumor de que os medicamentos fornecidos pelos doadores fazem as pessoas adoecer?"

"Isso é um perfeito disparate!", respondeu a Dra. Alda. "A maior parte dos medicamentos que usamos neste país, para a cólera e muitas outras doenças, é doada e nunca me deparei com um caso de alguém

que adoecesse ou morresse por ter tomado o medicamento. Contudo...", continuou ela, "... isto não quer dizer que as pessoas devam tomar medicamentos de forma aleatória. Os medicamentos devem ser tomados apenas quando prescritos por um profissional médico qualificado. Se as pessoas não procurarem aconselhamento médico, podem tomar o medicamento errado ou a quantidade errada e isso pode causar danos."

O grande relógio digital na mesa do estúdio apontava para as 8:28 da manhã. Estava na hora de terminar o programa. Mas a Dra. Alda ainda estava a falar. O medicamento que estavam a utilizar para tratar os pacientes já afetados pelas aflatoxinas eram os mesmos que receberiam dos doadores, explicou ela. "Eles estão apenas a ajudar, devemos agradecer-lhes."

Tiago agradeceu ambas as convidadas pelas suas partilhas e pôs no ar a música de um famoso artista africano para terminar o programa.

INTERLÚDIO MUSICAL

MUSICAL INTERLUDE